

FHC “Neoliberalismo não existe”

Fernando Henrique diz que globalização não elimina o Estado

Luis Eduardo Leal
de Brasília

“Neoliberalismo só existe na cabeça de quem não tem cabeça”. Foi assim que o presidente Fernando Henrique Cardoso respondeu ontem aos críticos da abertura comercial promovida por seu governo. Segundo o presidente, que participou da V Cúpula Regional para o Desenvolvimento Político e os Princípios Democráticos, a redefinição da soberania, em razão da internacionalização da economia, não deve representar a eliminação do Estado – “Não é possível entrar em um processo de abertura sem fortalecer o Estado”.

O presidente criticou ainda os “burocratas” da área econômica que teriam perdido de vista a dimensão da integração regional ao decidir, em abril, limitar o financiamento às importações de curto prazo. A medida foi contestada pelos parceiros do Mercosul, que conseguiram um regime de exceção, re-

novado até o fim de outubro, para se adequar às suas disposições. Para Fernando Henrique, os “burocratas” agiram da “maior boa-fé”, pensando tratar-se de uma medida “aparentemente de política interna”, mas que teve “repercussões terríveis no plano internacional”.

O presidente chegou a dizer que a decisão foi tomada sem que ele tivesse conhecimento. “Digo burocratas porque eu estava no Uruguai e não sabia eu era presidente da República”, queixou-se. Fernando Henrique acrescentou que a medida “não foi tramada para quebrar a unidade, a solidariedade latino-americana ou o Mercosul”. A decisão de restringir o financiamento às importações foi anunciada pelo Banco Central para reequilibrar a balança comercial – impediram-se os financiamentos com prazos inferiores a um ano, abrindo-se, depois, exceção para importações até US\$ 40 mil provenientes do Mercosul.

“(A medida) foi tomada porque, burocraticamente, se imaginava que essa era uma decisão interna. A diferença entre interno e externo, nessas áreas, esmaece, diminui”, disse Fernando Henrique, convidado a falar sobre os desafios atuais da governabilidade e democracia para uma platéia de ex-presidentes latino-americanos, entre os quais o brasileiro José Sarney, o mexicano Miguel de La Madrid, o chileno Patricio Aylwin e o boliviano Jaime Paz Zamora. Em sua intervenção, o presidente argumentou que a globalização e a divisão do mundo em blocos econômicos levam a uma redefinição do conceito de soberania. “Não vejo nisso algo negativo. Mas vejo que nós precisamos avançar um pouco mais na compreensão das consequências desse processo e na redefinição das nossas visões sobre a questão da democracia e sobre a questão da soberania”, defendeu.

-4 JUL 1997

GAZETA MERCANTIL